

O PATRIMÔNIO MUSEALIZADO NA ESCOLA: INCENTIVANDO A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE.¹

Keyth Saborido Ratis²

Resumo: Os museus vêm evidenciando cada vez mais seu potencial educativo, atraindo significativamente o público escolar. O presente trabalho faz parte do projeto “A História e o objeto: a inserção dos museus na escola” que pretende discutir a utilização dos museus como um meio de educação não formal. Através do PIBID/UFRPE atuamos na Escola Ministro Jarbas Passarinho (Camaragibe, Pernambuco). Propomos a criação de estratégias e materiais didáticos de incentivo à preservação da memória e construção de identidade, através dos objetos museais. Para isso nos baseamos na metodologia de Maria de Lourdes Horta. Acreditamos que ao ter sua lógica inserida em sala de aula o museu além de ser um lugar atrativo torna-se um meio de discussão, reflexão e aprendizado, estimulando as memórias, o conhecimento e à alteridade.

Palavras-chave: patrimônio, linguagem museal, educação.

Os museus são entendidos como instrumentos responsáveis por reunir objetos que proporcionam o retorno às memórias, fortalecimentos dos vínculos identitários e conservação de bens culturais. O patrimônio resguardado nesses lugares de memória traz consigo histórias, contextos e interpretações diversas, que intencionalmente são dispostas no percurso de uma exposição museológica. A linguagem usada por esse espaço de memória e a forma com que os visitantes leem os objetos é o principal ponto de reflexão nessa abordagem. Essa leitura dos objetos pode ser despertada antes mesmo da visita, em sala de aula com atividades que estimulem os alunos a se apropriarem da linguagem museal. O trabalho descrito é um apanhado de experiências na escola de rede pública estadual, Ministro Jarbas Passarinho, no segundo semestre de 2011. As atividades na escola vêm sendo realizadas através do programa institucional de iniciação à docência, com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e Universidade Federal rural de Pernambuco.

¹ Este trabalho foi orientado por Ricardo de Aguiar Pacheco, professor doutor adjunto do Departamento de Educação da UFRPE.

² Graduanda em História pela UFRPE, bolsista do PIBID através da CAPES. Keyth_sbr@hotmail.com



As atividades aplicadas seguem um planejamento que visa a construção do conhecimento histórico a partir de práticas de incentivo a preservação da memória (individual e coletiva) e a construção de identidades, respeitando e valorizando a diversidade do patrimônio cultural material e imaterial. Para isso temos construído e avaliado uma metodologia que segue três momentos: a apresentação da linguagem museal aos alunos; a visita ao museu; e a construção de uma exposição com os dados coletados.

Entendemos o patrimônio cultural como elemento formador da diversidade cultural, e que esta contribui para “formação da identidade do cidadão brasileiro, incorporando-se ao processo de formação do indivíduo, e permitindo-lhe reconhecer o passado, compreender o presente e agir sobre ele.” (HORTA, 1999, p. 7) Dessa forma, os museus de Pernambuco serão utilizados para trabalharmos a diversidade cultural e inserir a educação patrimonial na escola.

MUSEUS, MEMÓRIAS E IDENTIDADE.

Ao chegarem ao museu grande parte dos alunos, geralmente crianças, pensam que irão se deparar com coisas “velhas”, ossos de animais ou de pessoas, joias de uma rainha, obras arte e uma infinidade de objetos que “estereotipam” o espaço museal. Essa ideia pode ser buscada nos gabinetes de curiosidades (Séc. XVI – XVII), onde colecionadores reuniam uma diversidade de objetos “exóticos”, descobrimentos, invenções e etc. A finalidade era primária, de reunir essa infinidade de objetos de origens e contextos diversos.

Com o surgimento dos estados nacionais criou-se também a ideia de que os “cidadãos deveriam compartilhar uma língua e uma cultura, uma origem e um território” (FUNARI, 2009, p. 16), e a necessidade de afirmação das identidades nacionais repercutiu diretamente na organização das estruturas educacionais. Nesse contexto o conceito de patrimônio sofreu transformações substanciais. Na França, por exemplo, com a queda das monarquias a República

Precisava criar os cidadãos, fornecer meios para que compartilhassem valores e costumes, para que pudessem se comunicar entre si, para que tivessem um solo e uma origem supostamente comuns. Por meio da escola, foi possível aos poucos, difundir a língua nacional [...] Com a língua o povo aprendia também que tinha uma origem em comum [...] (FUNARI, 2009, p. 15-16).

Para O professor Stuart Hall essa cultura nacional se dilui em sistemas de relações sociais, políticas, econômicas, dando suporte a essas identidades nacionais. Com a globalização esse sistema de relações sofre ressignificações, o que resulta nas “identidades partilhadas”³, onde o indivíduo estabelece diversas ligações identitárias não se limitando a uma determinada cultural nacional. Para Hall,

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modelo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...] As culturas nacionais ao produzir sentidos sobre a nação, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. (HALL, 2006, p. 50 - 51).

Deve-se considerar a cultura como um processo dinâmico, que sofre modificações e adquire sentidos. Esse processo dinâmico tem relações estreitas com o espaço museal, por carregar desde sua origem o patrimônio cultural. É nesse espaço onde os objetos e os sujeitos estabelecem relações de “conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural” (HORTA, 1999, p.6). Os patrimônios por sua vez podem ser estudados nas seguintes categorias: Patrimônio material, Patrimônio imaterial, Patrimônio vivo, Patrimônio ambiental (natural), Patrimônio artístico e Patrimônio arquitetônico.

Ao inserir o museu no contexto escolar é preciso analisar e desenvolver metodologias que estimulem a apropriação da linguagem museal, pois o discurso que cada exposição carrega é um conjunto de sentidos, símbolos e contextos. Introduzir essa fonte de informações em sala de aula é de fato algo desafiador e que necessita de um bom planejamento.

MUSEUS E EDUCAÇÃO

O vínculo entre museus e educação vem se fortalecendo na medida em que as informações circulam de forma extremamente rápida, onde o indivíduo pode visitar virtualmente uma exposição ou visualizar os objetos através e fotografia na internet por exemplo. Tornar a exposição uma ferramenta pedagógica é algo que vem sendo discutido por muitos estudiosos, e explorado por muitas instituições museais. Conforme Chagas “no Brasil, o advento dos museus é anterior ao surgimento das universidades.”

³ Para Stuart Hall as identidades partilhadas são resultantes dos “fluxos culturais entre as nações e o consumismo global” (HALL, 2006, p.74).

(CHAGAS, 2006) e por esta razão havia uma intensa relação com a área de educação, o que favoreceu consequentemente sua institucionalização. Como ressalva Chagas:

A partir dos anos 70 do século XX, o conceito clássico de museu, que operava com as noções de edifício, coleção e público, foi confrontado com novos conceitos que, a rigor, ampliavam e problematizavam as noções citadas e operavam com as categorias de território (socialmente praticado), patrimônio (socialmente construído) e comunidade (construída por laços de pertencimento). (CHAGAS, 2006)

Esse modo de pensar o museu além da instituição e levá-lo para perto da população foi resultado de diversas discussões presentes na visão de estudiosos da museologia social, que tem como proposta aproximar esse espaço de memórias da população. Santos, defende as ações do museu da seguinte forma: “Quando coloco, portanto, que a produção de conhecimento deve conduzir a uma nova prática social, é porque estou entendendo as ações da museologia (preservação, pesquisa e comunicação) comprometidas com o mundo” (SANTOS, 1998, p. 23). Dessa forma, os museus se ressignificam conforme a sociedade que necessite dessa demanda de significados e sentidos.

Acredita-se que “nos museus normalmente estão guardados os testemunhos materiais de determinados períodos históricos. No entanto, a estes testemunhos materiais (alguns com valor de mercado) associam-se valores simbólicos e espirituais de diferentes matizes.” (CHAGAS, 2000, p.1) Esse campo de associações que o museu constrói é o que lhe caracteriza como um espaço de resguardo da memória e da diversidade cultural. Como ressalta a historiadora Rita de Cássia Araújo:

Para o senso comum as expressões “é peça de museu”, “só presta para museu” e “virar peça de museu” estão carregadas de sentidos negativos. Referem-se não somente a pessoas, fatos símbolos modos de pensar, costumes, saberes, técnicas e formas de expressões culturais; os objetos e a utensílios do cotidiano que caíram em desuso, por ultrapassados; mas, no extremo, significam algo imprestável, decrépito, velharia em serventia que bem assenta ser coberta por camadas de pó e de teias de aranhas quando não, pela sombra e pelo mofo. Um museu seria, assim, o lugar do tempo passado; de um passado estático, congelado, destituído de sentido e de vida. (ARAÚJO, 2008)

Em face à representatividade dos museus como instrumentos de cultura o governo federal em Janeiro de 2009 estabeleceu uma lei na qual foi criado o IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus), deixando claro em seu regulamento as condições básicas de regulamentação desses espaços. Segundo a Lei de Nº 11. 906 museus são:

Centros culturais de práticas sociais, colocadas a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, que possuem acervos e exposições abertas ao público, com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, a percepção crítica da realidade cultural brasileira, o estímulo à produção do conhecimento e à produção de novas oportunidades de lazer. (Lei 11. 906. Parágrafo I Art. 2º)

Não somente questões relativas à institucionalização, preservação e captação de acervo, inclusão social e educação patrimonial são mencionadas nessa lei, mas também há claramente uma necessidade de torna esses espaços utilizáveis não somente como espaço de cultura, como também de educação. Compete ao IBRAM:

Desenvolver processos de comunicação, educação e ação cultural, relativos ao patrimônio cultural sob a guarda das instituições museológicas para o reconhecimento dos diferentes processos identitários, sejam eles de caráter nacional, regional ou local, e o respeito à diferença e à diversidade cultural do povo brasileiro. (Lei 11. 906. Parágrafo VIII do Art. 3º.)

Tais objetivos se assemelham com as propostas sugeridas nos parâmetros curriculares nacionais (PCNs) de História, ao defenderem um ensino que preserve a memória nacional, e que incentive o respeito e valorização do patrimônio e da diversidade cultural. “Fazer relações entre museu e educação, especialmente o ensino de história, implica reconhecer que, na sua própria definição, o museu sempre teve o caráter pedagógico” (RAMOS, 2004, p.14), e ao ter sua lógica inserida em sala de aula o museu além de ser um lugar atrativo torna-se um meio de discussão, reflexão e aprendizado, estimulando as memórias, o conhecimento e à alteridade.

ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Embora alguns museus ainda não tenham aderido ao setor educativo, essa tendência vem evidenciando cada vez mais o papel dos espaços museais. Segundo Barbosa, “no Brasil os primeiros serviços educativos em museus foram organizados nos anos cinquenta” (BARBOSA, 2004). Antes do trabalho educativo ser disseminado nos museus brasileiros sua teorização foi feita na Alemanha, nos finais do século XIX, por Lichtwark, que foi diretor do Museu de arte de Hamburgo. Com esta iniciativa ele tornou-se um percussor do movimento de educação estética na Europa, ao entender o museu como um território para educação cultural e artística. (FRÓIS, 2008. Pág.64)

Estas ideias ao se aliarem a outras perspectivas educacionais, como a da educação patrimonial, podem torna-se meios potenciais de intervenção nas escolas. Segundo Horta a educação patrimonial “é uma instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido” (HORTA, 1999. p.6).

As instituições museais estão cada vez mais preocupadas em aliar seus serviços às instituições de educação formal. Instituições como a Pinacoteca de São Paulo (SP) e Museu Homem do Nordeste (PE), desenvolvem ações que não se limitam ao espaço físico desse equipamento, mas promovem a inclusão das comunidades circundantes e do público visitante, seja ele espontâneo ou escolar. Tais ações evidenciam novas possibilidades na construção do espaço museal.

MUSEUS E PATRIMÔNIO NA ESCOLA

No projeto *A História e o objeto: a inserção dos museus na escola*, a metodologia que vem norteando os trabalhos é prioritariamente a educação patrimonial, como a defendida por Maria de Lourdes Pereira Horta. Além de seguir os Parâmetros Curriculares Nacionais, incentivando a diversidade cultural e levando para sala de aula discussões a cerca do patrimônio histórico e cultural. Estamos trabalhando diretamente com turmas do ensino fundamental e médio, articulando com os professores momentos mais adequados para as atividades. Objetivamos organizar visitas orientadas de estudantes a museus, como também realizar na escola exposições museológicas com objetos e saberes da própria comunidade.

Desde o início de nossa atuação na escola nos envolvemos com diversas ações pedagógicas e culturais organizadas na escola, seguindo as etapas de preparação dos alunos, execução da atividade e discussão de resultados. A escola traz em seu programa político pedagógico a valorização do patrimônio escola, como forma de preparar seus alunos enquanto futuros cidadãos. Trabalhar a cultura dentro da escola é problematizar e contextualizar a ação humana, constantemente nas diversas áreas de conhecimento. Desde o segundo semestre de 2011 estamos envolvidos em atividades dentro e fora da escola, destacando a temática do projeto e avaliando os conhecimentos adquiridos em sala de aula.

Anualmente a Escola Ministro Jarbas Passarinho realiza a MOJATEC (Mostra Jarbas Tecnologia e Ciência), onde os alunos apresentam pesquisas desenvolvidas durante o ano. Pesquisas estas que concorrem prêmios em diversas categorias, desde tecnologia às ciências humanas. Nos meses iniciais, o projeto norteou um grupo de alunos indicando a metodologia que deveriam trabalhar com relação ao estudo do patrimônio, tendo em vista que se propunham a estudar o patrimônio da cidade de

Camaragibe (PE). Os alunos escolheram um ponto turístico da cidade (A casa de Maria Amazonas) e explorou em pequenos recortes a história da cidade desde a criação do engenho que deu origem à cidade, os conflitos no período holandês e os bens materiais que ainda resguardam as memórias da população da cidade.



Imagem 01: alunos apresentando a pesquisa sobre patrimônio de Camaragibe - PE. Outubro / 2011.
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Os alunos do ensino fundamental e médio foram levados a museus, e a visita serviu como fonte de atividade no retorno a escola. As turmas do 7º e 8º ano foram levadas ao Museu Homem do Nordeste (Recife- PE), onde puderam conhecer a exposição que aborda as temáticas de religiosidade, trabalho, escravidão, festas e povos do nordeste. A visita foi muito enriquecedora para um trabalho realizado posteriormente pelos alunos na semana do folclore, onde as turmas fizeram apresentações culturais (dança e teatro), usando o conhecimento construído na visita.



Imagem 02: alunos no Museu Homem do Nordeste (Recife PE).
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Os alunos do 2º ano do ensino médio conheceram museus do agreste pernambucano, nas cidades de Caruaru e Bezerros. Visitaram os museus da Xilogravura, do Forró, do Barro e a Casa Museu do Mestre Vitalino. No museu da xilogravura de J. Borges (Bezerros- PE) os alunos puderam conhecer o imenso acervo de cordéis feito pelo artista J. Borges⁴ e seus seguidores. Ao lado do museu, na casa da

⁴O artesão J. Borges é um dos mais famosos xilógrafos de Pernambuco. Considerado patrimônio vivo.

xilogravura acompanharam o processo de feitura de uma xilogravura pelo artesão. No Museu do forró tiveram a exposição que fala da História de Luis Gonzaga e as influências do artista no cenário da música pernambucana. No Museu do Barro Conheceram obras de artesanato que se tornaram símbolo da região e posteriormente visitaram a casa onde morou o conhecido “mestre do barro”, Mestre Vitalino⁵.



Imagem 03: Casa da xilogravura (Bezerros- PE).

Fonte: Acervo pessoal da autora.



Imagem 03: Casa Museu do Mestre Vitalino (Bezerros- PE).

Fonte: Acervo pessoal da autora.

É interessante ressaltar que os museus visitados por este grupo não tem serviço educativo, logo, o trabalho de explicação, reflexão e contextualização da exposição foi feito no percurso a instituição, durante a visita e posteriormente na escola, pelos professores e bolsistas do Pibid .

CONCLUSÃO

Para que o museu seja usado em sala de aula é necessário evidenciar que o trabalho não começa no dia da visita, pois o planejamento é de extrema importância para o aproveitamento desse espaço educativo. Com relação a esta etapa o professor pode direcionar suas aulas às temáticas da exposição que pretende explorar. As atividades realizadas antes e depois da visita tem que ser sistematizadas e devem promover a interação prévia desses alunos com o espaço museológico, além de serem meios de incentivar a produção conhecimento.

O uso da cultura (material/ imaterial) nesse contexto serve de embasamento para a prática de pesquisa, interpretação e registro, suscitando nos alunos o poder de crítica e análise histórica. Vale ressaltar que o “aspecto relevante é a descoberta da importância

⁵ Mestre conhecido mundialmente pelas sua esculturas de barro. Considerado patrimônio vivo de Pernambuco.

dos artefatos na construção das relações sociais” (ABUD; SILVA, 2010, p.121), e que a linguagem museal é um meio utilizado para mediar essa relação.

Nesse contexto o patrimônio é o que liga os sujeitos à memória coletiva, que estimula as identidades existentes e constante modificação. O patrimônio, e as instituições que se mantêm de sua guarda, são produtos de uma construção identitária e possuem empiricamente um discurso. Contudo, as metodologias descritas nesta exposição nos faz compreender que o aproveitamento do museu no ensino de história vai depender da forma como as estratégias didáticas serão organizadas.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Maria Alice. **Patrimônios Vivos de Pernambuco**. Recife: FUNDERPE, 2010.

ARAÚJO, Rita de Cássia. Nordeste: territórios plurais, culturais e direitos coletivos. Fundação Joaquim Nabuco. Texto de Abertura do Museu Homem do Nordeste.

ABUD, Kátia Maria; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. **Ensino de História**. São Paulo, 2010. Cengage Learning.

BARBOSA, Ana Mae. **Museus como laboratórios**. Revista Museu. 2004. Disponível em: < http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=3733>

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. Ed. Cortez. 4ª edição. São Paulo, 2011.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura (MEC). Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – História e Geografia**. Brasília, 1997.

BRASIL, Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 11.906, de 20 de Janeiro de 2009**. Cria o Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM.

CHAGAS, Mario. **Memória e Poder: contribuição para a teoria e a prática nos ecomuseus**. In: MINOM – ICOFOM - Atas do II EIE/ IX ICOFOM LAM, Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <http://www.quarteirao.com.br/pdf/mchagas.pdf>

CHAGAS, Mario. **Educação, museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação**. Revista eletrônica do IPHAN, Nº 3. Educação Patrimonial (Jan/ Fev. 2006) Disponível em: < <http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=145>>

FRÓIS, João Pedro. **Os museus de arte e a educação: Discursos e práticas Contemporâneas**. Revista museologia, nº 2/2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A editora. RJ, 2006. 11ª edição.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBER, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira. **Os lugares da memória**. Memória, Patrimônio e Identidade, Boletim 04. Ministério da educação, 2005. Disponível em: <http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/145632MemoriaPatriIdent.pdf#page=37>

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: O museu no ensino de História**. Ed. Universitária Argos. Santa Catarina, 2008.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Repensando a ação cultural dos museus**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1993.

Lei 11. 906. Presidência da república. Casa Civil. Subchefia para assuntos Jurídicos.

Disponível em:

http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/LEI%2011.906-2009?OpenDocument>